

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO- CCAE
CAMPUS IV – LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCS
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

FABIANO CARLOS DA SILVA

**A tatuagem como rito de passagem:
Relações entre tatuado e tatuador em Mamanguape**

**RIO TINTO – PB
2019**

FABIANO CARLOS DA SILVA

**A tatuagem como rito de passagem:
Relações entre tatuado e tatuador em Mamanguape**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Antropologia da Universidade Federal da Paraíba,
em atendimento às exigências para obtenção do
Grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Giovannini
Júnior

**RIO TINTO
2019**

FABIANO CARLOS DA SILVA

**A tatuagem como rito de passagem:
Relações entre tatuado e tatuador em Mamanguape**

Trabalho de conclusão de curso julgado e aprovado em ___/___/___.

Comissão Examinadora

Prof.º Dr. Oswaldo Giovannini Júnior
Orientador

Prof.^a. Dr.^a. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira
Examinador

Prof.º Dr.º. Marco Aurélio Paz Tella
Examinador

**RIO TINTO – PB
2019**

A tatuagem como rito de passagem: relações entre tatuado e tatuador em Mamanguape
Tattoo as a Rite of Passage: Relations between tattooer and tattoo artist in Mamanguape

Fabiano Carlos da Silva(UFPB)
fabianocarlos1982@gmail.com
Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Giovannini Júnior
oswaldo.giovanninijr@gmail.com

Resumo

O presente artigo discorre sobre as relações entre um tatuado e um tatuador e a utilização da autoetnografia como importante ferramenta para auxiliar a pesquisa antropológica como método qualitativo, a fim de potencializar a obtenção de dados reflexivos e subjetivos, ressaltando os pensamentos, sentimentos e motivações do interlocutor, tendo como base minha pesquisa sobre as relações construídas entre tatuados e tatuadores na cidade de Mamanguape realizada no ano de 2018. A hipótese que levanto em minha pesquisa é que as pessoas modificam a aparência externa de seus corpos experimentando verdadeiros ritos de passagem, havendo uma mudança de identidade e status social destes sujeitos. Para observar tais processos utilizei minha própria experiência e meu corpo com o objeto de pesquisa para analisar como se processa as relações criadas através da prática da tatuagem. A autoetnografia e a etnografia neste contexto se apresentaram como ferramentas fundamentais para a investigação epistemológica da construção das relações sociais.

Palavras-chave: Autoetnografia. Tatuagem. Antropologia. Relacionamento.

Abstract

The present article discusses the relationship between tattooed and tattoo artists and with the use of autoethnography as an important tool to help anthropological research as a qualitative method, in order to enhance the obtaining of reflective and subjective data, highlighting thoughts, feelings and motivations of the interlocutor, based on my research on the relationships built between tattooed and tattoo artists in the city of Mamanguape in the year 2018. The hypothesis I raise in my research is that people modify the external appearance of their bodies by experiencing true rites. passing through, with a radical change of identity and social status of these subjects. To observe such processes I used my own experience and body with the research object to analyze how the relationships created through the practice of

tattooing are processed. The autoethnography and ethnography in this context was presented as a fundamental tool for the epistemological investigation of the construction of social relations.

Keywords: Autoethnography. Tattoo. Anthropology. Relationship.

Uma breve história da tatuagem e sua chegada no Brasil

A prática da tatuagem no ocidente foi amplamente difundida pelos marinheiros do século XVIII, que através do contato com aborígenes das ilhas do pacífico aprenderam suas técnicas e passaram a marcar seus corpos, porém os primeiros vestígios dessa prática remontam a muito mais tempo. Um homem mumificado datado de 5.300 anos aC, conhecido como “o homem do gelo”, já possuía diversas tatuagens espalhadas pelo seu corpo, na região lombar, no joelho esquerdo e tornozelo direito, acredita-se que o material utilizado foi o carvão introduzido na pele através de cortes verticais (MARQUES, 1997).

Através de exames de raio x no corpo do homem do gelo que também ficou conhecido pelo nome de Ötze, puderam constatar que os desenhos foram gravados próximos a lesões ósseas o que levou os cientistas a acreditarem que o ritual de tatuagem para o povo de Ötze fazia parte de um processo de tratamento para amenizar a dor.

Outros vestígios antigos foram encontrados em múmias do antigo Egito, como no caso da princesa Amuet, da XI dinastia, que possuía seu ventre tatuado com linhas e pontos que construía uma elipse relacionada a ritos de fertilidade. O mesmo tipo de tatuagem era encontrado entre as mulheres egípcias por volta de 2.000 anos aC e este padrão estava relacionado à deusa Bes, deusa egípcia da fertilidade e protetora dos lares.

Dependendo da época e da cultura de cada povo as tatuagens adquiriam contextos particulares que variavam de acordo com a influência sofrida como é o caso, por exemplo, dos romanos na idade média. Eles acreditavam e valorizavam a pureza do corpo, dessa forma o ato de marcar a pele não era visto como algo bom e era reservado apenas para criminosos. Com o passar do tempo e sob a influência do povo guerreiro bretão, que marcavam suas peles com insígnias e brasões que identificavam seus feitos de bravura e honra, o povo romano acabou incorporando a tradição de se tatuar com temas que diferiam dos marginalizados. “Um dos objetivos seria permitir ao indivíduo registrar sua própria história, carregando-a na pele em seus constantes deslocamentos”, afirma a artista plástica Célia Maria Antonacci Ramos, da

Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), autora do livro Teorias da Tatuagem (RAMOS, 2001, p.52).

A tatuagem possui diferentes origens, pois faz parte de inúmeras culturas ao redor do mundo, cada uma faz uso das marcações corporais para diversas finalidades que podem variar desde estética a rituais de passagem, atribuindo-lhes significados diversos. Pode transitar do sagrado ao profano, de tratamentos medicinais até formas de comunicação transmitindo a tradição de um grupo etc.

A tatuagem nos tempos atuais foi marcada pela criação da primeira máquina elétrica construída pelo inventor americano Samuel O'Reilly e isso foi importante, pois a partir de então as técnicas tradicionais foram sendo deixadas para trás enquanto os profissionais foram se especializando e desenvolvendo técnicas modernas para tatuar o corpo, isso impulsionou a ampla divulgação mundo a fora depois da Segunda Guerra Mundial, através de marinheiros e ex-combatentes.

No Brasil algumas tribos indígenas como os Waujás e os Kadiwéus, já faziam uso da tatuagem em sua cultura tanto em rituais de passagem quanto em cerimônias para homenagear elementos da natureza. Contudo, mesmo que os povos tradicionais no Brasil já fizessem uso da tatuagem marcando seus corpos definitivamente a milênios, não foram eles os responsáveis por difundirem em nosso solo essa prática.

A tatuagem chegou ao Brasil por volta do século XIX, nas zonas portuárias trazidas por marinheiros ingleses e americanos e se difundiu entre a população marginalizada que vivia no entorno dos portos, moradores, os trabalhadores e as prostitutas. Mesmo não havendo tatuadores fixos no País, a tatuagem conseguiu se disseminar amplamente, apesar do pouco tempo que os tatuadores que vinham nos navios permaneciam em solo.

Foi com o dinamarquês Knud Harald Luck Gegersen que a tatuagem chegou ao Brasil através do porto de Santos no ano de 1959. Ele ficou conhecido por Mr. Tattoo e Luck Tattoo. Além de tatuador, Luck era desenhista e se estabeleceu no Brasil vivendo de sua arte. Não demorou muito tempo para que ficasse famoso por seu trabalho, virando notícia em jornais da época como "O Globo" que, em 1975, o intitulou como o único tatuador profissional da América do Sul, algo que para a época foi um marco de uma prática cultural que estava em ascensão.



FOTOGRAFIA 1- Knud Harald Luck Gegersen (Luck Tattoo)

FONTE: <https://followthecolours.com.br/tattoo-friday/lucky-tattoo-10-curiosidades-sobre-o-primeiro-tatuador-profissional-no-brasil/2019>

Luck foi considerado a mais importante figura no cenário da tatuagem nacional. Ele também trouxe para o Brasil a primeira máquina de tatuar elétrica que o ajudou a somar mais de 45.000 tatuagens em seus 30 anos de carreira, sendo que destes 24 anos foi só no Brasil. Luck faleceu aos 55 anos em 1983 de ataque cardíaco deixando dois filhos Erna e Fred que continuaram seu legado como tatuadores profissionais, sua filha Erna que adotou o nome brasileiro de Ana foi considerada a primeira tatuadora brasileira.

Essa visão marginalizada que a tatuagem assumiu quando chegou ao Brasil foi responsável pelo preconceito inicial, se restringindo apenas às áreas dos portos, favelas, artistas itinerantes como, por exemplo, artistas de circo, onde pessoas com os corpos todo tatuados se apresentavam em freak shows¹, como aberrações. Não demorou muito tempo para que se tornasse uma das modas mais difundidas e duradouras entre os jovens, representando rebeldia e transformando o corpo em um veículo de manifestação/representação cultural e social.

Houve um tempo em que tatuagem era algo restrito às grandes metrópoles e a diversidade cultural que se manifesta nestes espaços. Muitos jovens orgulham-se de ostentar seus desenhos na pele como prova de rebeldia e contestação, mulheres com os mais variados estilos e homens com partes do corpo fechadas por temas orientais e cores vibrantes. Com o tempo, o fluxo de pessoas que migravam de cidades do interior para as grandes cidades e mais tarde o regresso dessa população para suas cidades de origem, trouxeram consigo essa prática e aos poucos foi se desconstruindo a ideia de tatuagem como algo marginal. Quem possuía alguma tatuagem optava por esconder na hora de procurar vaga no mercado de trabalho, mas

¹ Palavra de origem inglesa que significa “show de aberrações” também conhecido no Brasil como “show de horrores” muito comuns entre os circos durante os séculos XIX e XX e consistia em apresentações de seres humanos e animais com alguma deformidade rara ou peculiaridades que os diferenciavam dos demais.

pouco a pouco as coisas foram se modificando e até em ambientes profissionais tidos como conservadores como, por exemplo, usinas de cana de açúcar, a tatuagem já é melhor aceita.

O campo de pesquisa

A pesquisa aconteceu na cidade de Mamanguape que fica a 50 km da capital João Pessoa no litoral Norte da Paraíba. Com aproximadamente 50.000 habitantes, é uma cidade relativamente pequena com uma zona rural extensa. Até pouco tempo as pessoas que optavam pela tatuagem precisavam viajar até a capital o que dificultava e muitas vezes adiava a prática. Não existia aqui nenhum tatuador fixo ou que demonstrasse confiança quanto a procedência dos materiais utilizados.

Os poucos tatuadores que haviam até meados dos anos 2000 estavam na cidade de passagem, não permaneciam mais que alguns poucos meses e não chegavam a constituir clientela, na maioria dos casos como fiquei sabendo por moradores antigos, eram hippies, ex-presidiários ou pessoas vindas do Estado do Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 2010 um morador da cidade de Mamanguape chamado Clemilson, de apelido “Cremmy”, começou a tatuar em um estúdio fixo, porém improvisado em sua casa no centro da cidade. Com o passar dos anos, sua clientela foi crescendo exponencialmente até se tornar referência em tatuagem na cidade de Mamanguape e em todo Vale do Mamanguape, possuindo, atualmente, um estúdio legalizado e bem equipado. Cremmy é casado e tem três filhos, dois meninos do primeiro casamento e uma menina do atual, sempre morou na cidade de Mamanguape e a princípio sua clientela era composta pelos seus amigos que segundo ele mesmo serviam de cobaias, pois como ele se define é um autodidata. Foi aprendendo o ofício por conta própria no início mais como um *hobbie* até perceber que poderia ganhar muito dinheiro com isso. Atualmente trabalha apenas com a tatuagem, pois trabalhava de carteira assinada como vigilante em um prédio da junta trabalhista de Mamanguape, trabalhando em dias alternados, o que possibilitava intercalar com seu ofício de tatuador, porém com a mudança de governo a junta trabalhista foi fechada, fato esse que o levou a se dedicar integralmente a tatuagem.

Sua agenda está sempre lotada e sua clientela é bem diversificada, são jovens, homens, mulheres e até pessoas da terceira idade que acabam conhecendo seu trabalho através das redes sociais na internet e também por indicação de quem já fez algum trabalho na pele com ele. Eu tive contato pela primeira vez com o trabalho de Cremmy no ano de 2015, já possuía uma tatuagem no ombro esquerdo, mas pretendia fazer outra. Um amigo que já havia sido tatuado

com ele me mostrou sua página no facebook onde eu pude ver fotos de alguns de seus trabalhos e comentários de clientes. Na página havia seu telefone para contato e alguns dias se passaram até que eu tivesse coragem para ligar e marcar uma visita para que eu pudesse conhecer seu estúdio.

Quando o vi pela primeira vez me impressionei com seu jeito simpático e cativante, a princípio eu fui apenas com a desculpa de fazer um orçamento para poder conhecer o ambiente e acabei convencido de fazer a tatuagem no mesmo dia. Apesar de já possuir uma tatuagem, a sensação de entrega e de transformação do corpo é sempre a mesma. Para mim o ato de tatuar vem sempre após algum evento que de alguma forma me transforma por dentro, como aconteceu na época com o falecimento da minha mãe. A tatuagem para mim funciona como um rito de passagem que me ajuda a externalizar o que ocorre dentro de mim, transformar meu corpo para que se adeque a como eu me sinto, deixando de ser o Fabiano antes do fato transformador para ser um novo Fabiano, que nem eu mesmo conseguiria evitar o estranhamento ao olhar no espelho.

A hipótese que levanto em minha pesquisa é que as pessoas modificam a aparência externa de seus corpos e experimentam verdadeiros ritos de passagem, havendo uma mudança de identidade e status social destes sujeitos. Para observar tais processos utilizei minha própria experiência e meu corpo com o objetivo de analisar como se processa as relações criadas através da prática da tatuagem. A princípio meus questionamentos surgiram da minha relação de confiança construída com o “Cremmy”, indivíduo com quem me tatuo e que se tornou meu ponto de partida.

As perguntas que orientaram as investigações são: existe um sentimento de envolvimento total e de entrega por parte do indivíduo a ser tatuado pelo tatuador? O tatuador age como uma espécie de sacerdote? Segundo Marcel Mauss (MAUSS, 1997) a categoria de sacerdote representa aquele que age ritualmente transformando não apenas o corpo biológico, mas também as identidades, afetando a maneira como o indivíduo se reconhece e como ele é reconhecido dentro das múltiplas relações sociais que ele desenvolve ao longo de sua vida. Pretendo compreender, através da análise da tatuagem como processo ritual a dinâmica da criação das relações entre tatuados e tatuador fazendo visíveis as relações sociais em torno da tatuagem.

A autoetnografia e etnografia como métodos de pesquisa

Durante a pesquisa utilizei o método etnobiográfico que, segundo Marco Antônio Gonçalves (2012), trata da problematização entre o subjetivo e o objetivo e da noção entre cultura e indivíduo, onde a etnografia e a biografia se unem para criar uma narrativa científica e que dê conta de unir aspectos tão distintos na construção de uma valiosa ferramenta de pesquisa. Trabalhei também com a noção de autoetnografia para registrar minhas próprias lembranças e sentimentos acerca da minha vivência envolvendo a tatuagem, como fiz minha primeira tatuagem, meus anseios e medos. De acordo com os autores Cano e Opazo (2014), a autoetnografia é uma ferramenta de investigação na qual as experiências e as subjetividades do pesquisador são analisadas sistematicamente afim de compreender o contexto social em que essas informações estão inseridas (CANO; OPAZO, 2014, p.149). A autoetnografia possibilitou que eu construísse um material em torno de minhas próprias experiências, os quais utilizei de modo científico para validar minhas reflexões, sendo assim, neste trabalho o presente uso da etnobiografia para registrar a história de vida de meu interlocutor, o tatuador “Cremmy”, com o qual realizei diversas entrevistas semiestruturadas.

A autoetnografia é um modo particular de se escrever onde a história de um povo ou de um grupo específico é contada através das experiências de si mesmo, ou seja, a partir de quem escreve. Segundo Chang (2008), a autoetnografia é um método que se sustenta em três bases, um “modelo triádico”. A primeira referência é a etnografia, uma ferramenta antropológica de pesquisa que auxilia o investigador a compreender e registrar informações acerca da cultura de determinado povo ou grupo. Malinowski (1976) é o ponto de partida da moderna etnografia, através da qual ele descreveu o comportamento e os costumes do povo que vivia nas Ilhas Trombiant no início do século XX. Outro autor que nos ensina sobre o uso do método etnográfico para compreender a cultura no contexto da antropologia social é Clifford Geertz (2008) que propõe uma “descrição densa” da cultura. O método lhe possibilitou construir conhecimento para entender a definição de cultura no qual indivíduos e comunidades estão inseridas. Marisa Peirano em “A favor da etnografia”, faz uma profunda discussão de como o método etnográfico não perdeu importância com a dissolução do seu principal campo de pesquisa “os povos primitivos”, muito pelo contrário, a autora afirma que ao estudar as sociedades mais simples e estabelecendo comparações estariam ao mesmo tempo estudando seu próprio mundo (PEIRANO, 1995, pp.22-4).

A segunda base são as memórias e vivências do pesquisador que se relacionam com os fenômenos sociais investigados. Por fim a noção de autoetnografia tem uma terceira base que é o caráter analítico a partir de uma reflexão sobre a influência do próprio pesquisador sobre o resultado da pesquisa.

Com isso em mente podemos pensar sobre a importância do método autoetnográfico, que se vale, durante a pesquisa, de seus relatos pessoais, memórias e história de vida. Entretanto, pode-se ir mais além, incluindo as experiências de outros indivíduos que fazem parte da pesquisa, transformando-os em protagonistas e contribuindo com a direção da investigação.

A autoetnografia é de certa forma flexível, podendo ser utilizada tanto na pesquisa propriamente dita quanto na escrita descrevendo e analisando fatos da vida do pesquisador afim de compreender suas experiências culturais (ELLIS, 2004). Como método a autoetnografia é ao mesmo tempo o corpo da pesquisa e seu resultado final (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011). Dessa forma utilizei este método para reunir, registrar e analisar todos os meus relatos e de meus interlocutores podendo com isso construir uma imagem do que constitui a problemática da minha pesquisa: as relações construídas entre tatuados e tatuadores na cidade de Mamanguape e como o corpo passa a ser não apenas um simples coadjuvante e sim o protagonista dessas interações sociais.

A autoetnografia é uma ferramenta de pesquisa importante para a produção de material científico na antropologia enquanto “uma área específica para o estudo do homem, suas interações sociais, herança histórica e identidade comunitária” (LIDÓRIO, 2009, p.11). O antropólogo desenvolve suas pesquisas observando e registrando as informações inserido em determinadas comunidades e grupos sociais ou até mesmo tendo um único indivíduo como objeto de estudo. A etnografia, como já citada anteriormente, é sua principal ferramenta de pesquisa, porém não é a única, levando em consideração o caráter qualitativo da pesquisa, suas peculiaridades culturais e simbólicas. Apresento neste artigo a etnobiografia e a autoetnobiografia como aliados metodológicos para a construção de saberes baseados nas experiências de vida do sujeito pesquisado e do próprio pesquisador.

A autoetnografia segundo Ellis e Bochner (2000) permite ao pesquisador transportar para sua pesquisa suas próprias experiências pessoais, suas expectativas, sentimentos, pensamentos e suas pré-noções acerca do contexto social em que ele se encontra inserido, a fim de conferir sua voz ao estudo. Para tanto se faz imprescindível que sua entrega seja o mais completa possível, registrando cada detalhe sensorial e sentimental para que suas experiências sejam contextualizadas na pesquisa.

O lugar da autoetnografia para compreender a tatuagem como rito de passagem

Para analisar a relação entre tatuado e tatuador procurei pensar acerca da noção de liminaridade e de ritos de passagem. De acordo com Turner (1982) liminaridade consiste em um determinado momento em que o indivíduo se vê em um estado de suspensão onde não pertence a nenhuma posição social, estando assim em uma condição transitória, passando ritualmente de um estado de “morte social” para um renascimento.

Arnold Van Gennep nos ensina sobre a importância dos ritos de passagem. Em seu livro homônimo, “Os ritos de passagem” (GENNEP, 1909), dedica-se ao estudo de rituais e define três fases importantes “separação, margem e agregação”, a fase de separação corresponde aos funerais e a grandes perdas, os ritos de agregação aos nascimentos e onde a fase de margem assume papel central em seus estudos como uma fase liminar.

A utilização da autoetnografia como método qualitativo de obtenção de dados possui um caráter multi-método (ELLIS; BOCHNER, 2000), podendo se valer de variadas fontes de informação, como diário de campo, entrevistas, literatura específica da área, fotografias, vídeos etc., as quais podem ser combinadas para um melhor resultado na construção de conhecimento científico.

O trecho retirado do meu diário de campo evidencia esta utilização metodológica e suas possibilidades elucidativas quanto ao fenômeno que observo. Vejamos:

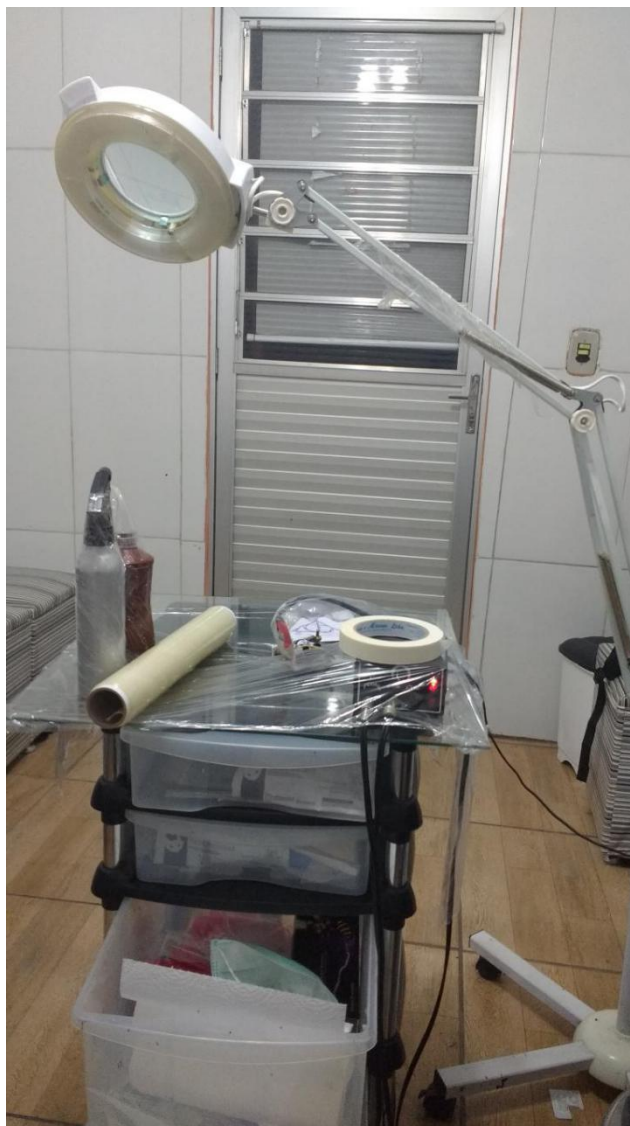
Marquei com o tatuador Clemilson para fazer a entrevista hoje 26 de maio de 2018 e aproveitar para me tatuar também, resolvi fazer uma observação participante com o intuito de poder registrar o momento com a perspectiva do tatuado, mesmo que não fosse minha primeira tatuagem, ainda considero válida essa decisão, pois me colocaria numa posição liminar, onde experimentaria todas os sentimentos contidos no momento: medo, expectativa, excitação, etc. Cheguei às 17:20 no estúdio e no momento ele estava concluindo uma tatuagem em uma mulher que já possuía diversas outras tatuagens feitas por ele, ambos demonstravam descontração e uma intimidade própria de quem já estava acostumado um com o outro, a tatuagem escolhida pela mulher foi um arco e flecha na costela, durou poucos minutos entre preparação e aplicação. (CARLOS, 2018)

O estúdio de tatuagem de Clemilson fica localizado em sua própria residência e foi reformado a pouco tempo para se adequar às normas de higiene exigidas pela secretaria de saúde do município. É uma sala pequena, porém com espaço suficiente para trabalhar com mobilidade, há no espaço uma mesa para o material, outra para o notebook e a impressora, uma cama própria para a prática da tatuagem moderna que pode ser disposta em diferentes

posições através de mecanismos hidráulicos, onde o cliente pode ficar melhor apoiado, uma pia para lavar o excesso de tinta, o estúdio conta também com câmeras de segurança e ar condicionado.



FOTOGRAFIA 2- Material de trabalho (tintas, agulhas, biqueiras etc)
FONTE: Arquivo pessoal (2018)



FOTOGRAFIA 3- Material de trabalho (máquina, fonte e cabos)
FONTE: Arquivo pessoal (2018)

Como o conhecia há bastante tempo, a conversa e a entrevista pode ser realizada de forma agradável e informal, a observação do trabalho dele na cliente anterior me possibilitou um olhar mais externo de como funciona cada passo do processo de tatuagem: começa com uma conversa com o cliente, onde discutem sobre o desenho, o significado, tamanho, posição e valores (porém isso muitas vezes é combinado anteriormente quando é feito o orçamento) e vai passando pela preparação do material a ser utilizado, quais tintas serão utilizadas, os tipos de agulhas, creme anestésico, borrifador com solução antisséptica, etc. Em seguida é feito a aplicação do decalque que é o início da tatuagem. Outra coisa que faz parte de sua rotina no estúdio é a gravação de todo o processo de tatuagem, através do qual o cliente pode posteriormente ou em tempo real transmitir para as redes sociais, possibilitando que outros

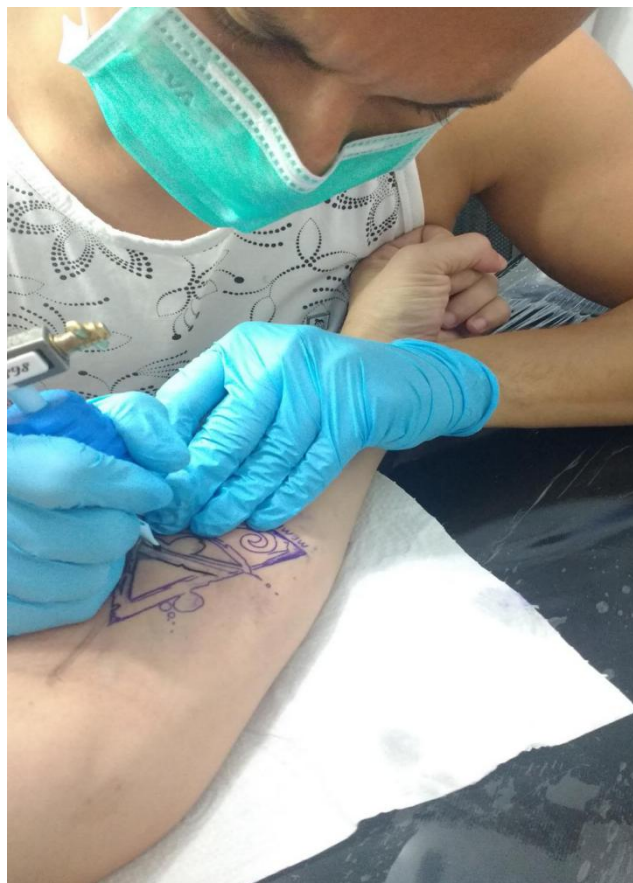
clientes ou futuros tatuados acompanhem seu trabalho e ao mesmo tempo deem um *feedback* do que ele está fazendo.

A autoetnografia possibilitou uma análise etnográfica a partir de dois pontos de vista distintos, o de observador passivo, onde como pesquisador pude captar a minúcia de cada elemento e acontecimento que se desdobrava dentro do estúdio de tatuagem de Clemilson. Como observador ativo, onde pude através do ponto de vista do cliente a ser tatuado registrar toda a subjetividade que fazia parte do ato, meus sentimentos e sensações como tatuado, podendo com isso agregar ao material uma maior quantidade de elementos que de outra forma seriam ignorados. Vejamos meu registro em outro trecho do meu diário de campo:

Pude comparar os dois momentos estando em posições diferentes, como observador e como cliente sendo tatuado e como é o comportamento do tatuador durante o processo de tatuagem, pude perceber que ao começar a tatuar ele escolhia uma música para compor a cena e ditar o ritmo do trabalho. Minha tatuagem consistia em uma pirâmide com um olho de Hórus no centro, localizada no antebraço esquerdo, um local com pouca sensibilidade a dor, o que me ajudou a manter o foco na observação. Durou pouco mais de 40 minutos para ficar pronta e quando terminou ele a revestiu com plástico filme para proteger a tatuagem contra sujeira e contaminação. Escolhi este local com muito receio, pois é a primeira vez que me tatuo em uma área visível, onde minha roupa não pode esconder, estou apreensivo por conta do meu local de trabalho, a empresa em si não esboça nenhuma posição contrária em relação aos funcionários possuírem tatuagens, porém grande parte dos coordenadores e da chefia é constituída de evangélicos conservadores que de forma independente podem se posicionar contrário a quem é tatuado. (CARLOS, 2018)

A partir desse trecho do meu diário de campo pude fazer uma reflexão quanto a minha iniciativa de pela primeira vez fazer uma tatuagem em um local exposto. Para mim na verdade representava um desafio e ao mesmo tempo um ato de rebeldia quanto a minha posição dentro da empresa já que eu sabia que enfrentaria muitos olhares curiosos e comentários maldosos e foi o que realmente aconteceu, mas de certa forma foi um passo que eu precisei dar para que dentro do meu local de trabalho eu pudesse mostrar como minha aparência em nada compromete meu desempenho profissional. O tema do desenho também foi escolhido não apenas por ser esteticamente apreciado por mim, mas também por possuir um significado milenar por se tratar do “olho de Hórus” ou “Udyat”, um símbolo de poder e proteção muito usado no Egito antigo, mas que recentemente foi ressignificado pela cultura popular e pela internet como símbolo dos “Illuminats”, uma sociedade secreta fictícia que busca a dominação mundial. Virou inclusive uma lenda urbana moderna e muito difundida entre os mais supersticiosos. Como eu sabia desse detalhe, escolhi o símbolo porque sabia que iria chamar atenção, passei vários meses respondendo a todo tipo de perguntas por causa dessa tatuagem, meus superiores, coordenadores e gerentes nunca falaram nada sobre minha tatuagem

diretamente a mim, só o que percebi foi o olhar de curiosidade sobre ela. Na empresa não havia regra alguma quanto a prática da tatuagem e por causa disso eles não abordavam o assunto formalmente.



FOTOGRAFIA 4- Clemilson “Cremmy”
FONTE: Arquivo pessoal (2018)

Há de se ter em mente algo que é de suma importância quando se trabalha com a autoetnografia como método de pesquisa, é saber a diferença entre ela e a autobiografia. Enquanto na primeira as experiências do antropólogo são destacadas de forma etnográfica e relacionando esta subjetividade para uma melhor compreensão da cultura através de suas impressões e sentimentos, a segunda trata de descrever acontecimentos onde o narrador relata acontecimentos passados sobre sua vida podendo de forma deliberada ou não inserir fatos ficcionais.

Contudo a autoetnografia não pode e nem deve se resumir unicamente às experiências do pesquisador, correndo o risco de não acrescentar conteúdo cientificamente relevante ao resultado final da pesquisa. Segundo Fortin (2009, p. 83) “a história pessoal deve se tornar um

trampolim para uma compreensão maior”. Com isso a autora sugere que se o pesquisador descrever apenas as suas impressões estaria deixando para um segundo plano o contexto cultural ao qual essas informações deveriam estar vinculadas, pois as experiências pessoais do pesquisador possuem a importante tarefa de enriquecer a narrativa, como registrei em meu diário de campo as subjetividades em relação à minha experiência como pesquisador e ao mesmo tempo como tatuado:

Para mim o ato de tatuar vem sempre após algum evento que de alguma forma me transforma por dentro, como aconteceu na época do falecimento da minha mãe e mais recentemente com o falecimento do meu pai, ambos acometidos de doenças crônicas e que os levaram a muitos anos de sofrimento. Com a perda de cada um, foi criado um espaço dentro de mim que precisava ser preenchido e que o antigo eu não dava conta sozinho (CARLOS,2018).

A tatuagem para mim funciona como um rito de passagem, que no meu caso geralmente acontece após alguma perda, mas que para outras pessoas pode ser com o nascimento de um filho, um casamento, uma viagem ou a conclusão de um curso, também pode acontecer que a transformação seja apenas estética ou um ato de rebeldia, mas independente do motivo é a transformação permanente do corpo que me ajuda a externalizar o que ocorre dentro de mim, transformar meu corpo para que se adeque a como eu me sinto deixando de ser o Fabiano antes do fato transformador para ser um novo Fabiano, ao ponto em que nem eu conseguiria evitar o estranhamento de mim mesmo ao olhar no espelho.

Voltando a Van Gannep que divide os ‘ritos de passagem’ em 3 tipos, os “ritos de separação”, os “ritos de margem” e os “ritos de agregação”, diria que a morte dos meus pais desencadeiam em mim representam o ‘rito de separação’ que está diretamente relacionado a funerais e perdas importantes, porém é com o “rito de margem” que eu buscava uma forma de preencher o vazio que se estabelecia em mim, durante esta fase que eu me tatuava e buscava o equilíbrio entre meu antigo eu e o novo, o “rito de margem” possui um caráter autônomo e se destaca como fundamental para a compreensão e é exatamente durante esta fase que ocorria o desejo de me tatuar.

A antropologia como o estudo do homem e de toda a cultura produzida por ele me faz refletir sobre o papel do pesquisador antropólogo quanto ao caráter de observador distante, já que como indivíduos pertencemos a essa cultura que pesquisamos e nossos interesses em relação ao objeto de estudo está diretamente relacionado com nossas afinidades. Portanto, está aí a relevância de refletir sobre o que leva o pesquisador a escolher determinados temas e focar em uma problemática específica que irá nortear seu trabalho científico.

A autoetnografia de Fabiano e a etnografia de Cremmy

Para conhecer as histórias de vida e realizar uma etnografia de Cremmy, realizei entrevistas semiestruturadas para coleta de informação. A isso possibilitou a utilização das falas de meus interlocutores na íntegra para uma melhor compreensão cultural sobre como se constroem as relações sociais dentro do universo da tatuagem, suas rotinas e como essa problemática surgiu em suas vidas (DENZIN; LINCOLN, 2000, p.3).

Durante as entrevistas que fiz com o tatuador “Cremmy” pude registrar sua trajetória no caminho da tatuagem relacionando com minhas próprias experiências. Utilizei um gravador portátil para registrar sua fala que foi poucas vezes interrompida lhe deixando à vontade para que pudesse contar sua história de vida. Como podemos ver no trecho a seguir que foi retirado de um desses encontros em que eu fui me tatuar com ele e ao mesmo tempo em que aproveitei como estudo de campo.

Fabiano: Boa noite Clemilson! Me diga como foi sua trajetória na tatuagem, o que te levou a começar a tatuar?

Clemilson (Cremmy): Rapaz, minha trajetória... comecei da seguinte forma: quando eu estudava no colégio em Rio Tinto, no Burity via meus amigos desenhando e queria também me superar nos desenhos que eu via que eles faziam bem bacana mesmo! E foi daí que eu me interessei primeiramente para começar a desenhar e uma vez eu já me aprimorando nos desenhos parti para a tatuagem. Eu tinha um amigo de escola que já tinha tatuagem e me despertou ali a curiosidade dele comentando sobre a maquininha caseira de um hippie na praça. Eu ficava imaginando como era essa máquina de tatuar. Ele levava revistas de tatuagem nos intervalos (da aula) e eu ficava lendo as entrevistas das pessoas que já tinham tatuagem e isso ia despertando aquela coisa... pow cara! Eu já tinha esse gosto de criar máquinas, pegava coisas para montar e desmontar, eu inventava coisas de criança, carrinhos, lanterna... então chegou outro colega que já tinha tatuagem e mora aqui na rua, (eu já moro aqui a uns 30 anos, me criei aqui) e ele disse: “Cremmy”, rapaz o hippie fez uma tatuagem em mim massa, tu podia fazer já que tu gosta de desenhar... dá certo demais! _eu fiquei com aquele negócio na cabeça, eu não tinha nem visto a máquina ainda, mas já tinha visto uma na revista.

Fabiano: você tinha que idade?

Clemilson (Cremmy): Eu tinha 16 anos... então montei a máquina, então partiu desse menino que falou comigo, então criei, ficou a máquina igual a que eu vi no desenho, só faltava fazer ela funcionar, que era uma manivelazinha pra fazer ela girar, então fiquei matutando para cá, matutando para lá... aí chegou outro colega meu, o Fabiano, ele disse: “calma que eu vou desenrolar pra tu”, ele torceu uma hastezinha, girou e fez uma manivela igual ao que puxa água de “cacimbão” e então pronto a máquina já funcionava, faltava agora descobrir que tinta usava, até que chegou o mesmo menino e disse que era tinta nanquin. E a primeira tatuagem que eu fiz foi em mim mesmo, eu mesmo fui minha cobaia, mandei na minha perna, criei o desenho e mandei em mim mesmo, meio que indiano alguma coisa assim, meio que maori sei lá... aí pronto, comecei a fazer tatuagem a partir daí, com a tinta nanquin e com a máquina caseira que eu tinha produzido, daí eu não tinha aquela noção do que era higiene, era um negócio muito louco mesmo. E todo mundo vinha fazer tatuagem, era tatuagem de 1 real, de 5 reais, de 2 reais, 3 reais, a negada todinha vinha fazer tatuagem e o povo falava: “vai lá em Cremmy, vai lá em Cremmy...” e do outro lado aqui tinha duas pessoas que também estavam no mesmo esquema e eu

dizia: “não! Eu tenho que me superar, vou fazer melhor que eles” aí pronto, nesse “melhor” no dia a dia fui me aperfeiçoando, porque eu já tenho uma coordenação boa pra fazer e isso me ajudou muito, além da vontade e do talento que tem que ter (CREMMY, 2018).



FOTOGRAFIA 5- Da esquerda para direita temos a primeira máquina construída pelo próprio Clemilson, a segunda uma máquina mais comercial de bobina e por último uma máquina “Pen” mais moderna.
FONTE: Arquivo pessoal (2018)

A partir do depoimento podemos observar como a tatuagem provoca reações sedutoras na juventude e por isso acabou levando Clemilson a se enveredar cada vez mais por um caminho que para ele se apresentava como uma grande aventura, onde o espírito competitivo típico da adolescência lhe impelia a buscar novas fontes de conhecimento e a experimentar novas técnicas descobertas por ele entre erros e acertos. Assim, foi sendo construído o tatuador dentro de si, na medida em que marcava corpos definitivamente deixando um pouco dele mesmo em cada uma das pessoas que ele tatuou.

A utilização da entrevista na etnografia proporciona um dinamismo na obtenção de material científico que tem a particularidade de ser potencializado através da interação entre o pesquisador e o entrevistado. O trecho destacado anteriormente decorreu da entrevista que foi realizada no estúdio de tatuagem do Clemilson durante uma sessão em que fui tatuado, ambos estávamos em uma ambiente onde nos sentíamos à vontade e a entrevista seguiu de forma agradável e descontraída, procurei fazer o mínimo de interrupções possíveis para que ele seguisse com sua narrativa sem perder a linha de raciocínio.

Mesmo que o foco da etnografia esteja na história do interlocutor é importante ressaltar suas motivações, sentimentos, pensamentos, seus erros e acertos enquanto narra sua trajetória desde o início no mundo da tatuagem. Sejam eles: o medo de como a família vai reagir diante de um membro tatuado, como os pais se comportariam diante de um ato tão definitivo como o de marcar a pele ou mesmo da reação dos superiores no ambiente de trabalho que podem ou não aceitar um membro da equipe que saia do padrão do resto da equipe. Cada sentimento mesmo que se mostre infundado é importante para compreender as motivações de cada indivíduo, mesmo que minha experiência pessoal durante a entrevista esteja em segundo plano, é importante ressaltar que esta interação durante o processo trouxe uma reflexão de minha própria trajetória no mundo da tatuagem e o desejo de ir além (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011, p.278).

Fabiano: Como foi a sensação de fazer a primeira tatuagem, como você se sentiu na época?

Clemilson (Cremmy): você quer dizer em outra pessoa ou em mim mesmo? Porque a primeira foi em mim...

Fabiano: Os dois...

Clemilson (Cremmy): primeiro passei o medo, por que eu tinha medo que meu pai e principalmente minha mãe vissem e eu levasse uma surra né... por que pichar a pele, passar uma tinta e você ver que nunca mais vai sair... E já em outra pessoa quando eu fiz, me senti um artista né véi? Porque ficou bacana o desenho, o cara ficou satisfeito e feliz... então quanto mais pessoas vinham para cá, era mais um motivo para fazer mais e eu fui descobrindo aos poucos como era o processo de tatuar e fui me aperfeiçoando, fui melhorando, fui pesquisando, fui vendo como é que era e como não era, toda a técnica...

Fabiano: Nesse processo alguma deu errado?

Clemilson (Cremmy): Já...principalmente né véio, cliente que não ajuda muito né? Quando pego cliente manhoso pra fazer um traço aí sai da linha, aí tem que dar um jeito de consertar ali na pele.

Fabiano: O que seus familiares e seus pais acham de você ser tatuador?

Clemilson (Cremmy): Ah! No início... era bem assim. Duvidoso, eles não acreditavam muito, eles tinham medo que eu fosse fazer algum trabalho em alguém (logo no começo) e desse errado, mas eles sabem que tem um filho com talento imenso e sempre deram apoio, principalmente meu pai deu apoio para essa profissão, esse ofício e que eu executo com muito carinho, com muito amor e dedicação cada dia que se passa é um trabalho que eu faço é um trabalho diferente.

Fabiano: A tatuagem é sua única profissão ou você tem outro emprego?

Clemilson (Cremmy): Eu trabalho, eu tenho uma outra profissão que eu já estou a 10 anos praticamente, trabalho de vigilante numa empresa de segurança privada e nas minhas folgas eu atendo os clientes, como hoje meu dia está assim.

Fabiano: Quem mais te procura pra fazer tatuagem, homens ou mulheres?

Clemilson (Cremmy): A classe feminina procura mais os trabalhos, é por que é por período, por tempo, tem tempo que é mais feminino e tem tempo que é mais masculino (CREMMY, 2018).

Na questão ética entre o pesquisador e pesquisado dentro do contexto da autoetnografia é importante ressaltar que os pesquisadores muitas vezes mantêm laços interpessoais de amizade com o pesquisado. Essas relações são tão complexas como qualquer

uma outra, isso vai além, as “preocupações relacionais” não se resumem simplesmente a trabalho de campo, é parte importante da investigação, porém criam-se laços de amizade no processo da pesquisa (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011, p.281).

Minha experiência enquanto pesquisador trabalhando com a autoetnografia me colocou em vários momentos de reflexão enquanto compilava a narrativa do Clemilson, o campo de pesquisa, que já era familiar para mim por também ser tatuado, me fez despertar o interesse de estar no lugar do tatuador e experimentar os mesmos desafios, ou seja, de tornar-me tatuador. Entretanto, como minha vivência diante da tatuagem é outra, os desafios também são outros como, por exemplo, o medo de não conseguir, de errar, de não ser bom o suficiente. No trecho da entrevista a seguir podemos observar como Clemilson se coloca em uma posição diferente diante dos mesmos questionamentos que eu:

Fabiano: Qual a tatuagem que você considera um desafio? Que tipo de tatuagem ou estilo?

Clemilson (Cremmy): Eu digo a você, nada nessa vida é difícil para quem quer conseguir as coisas, porém não existe nada difícil sem você primeiro tentar fazer, mas quando você pratica, você encontra a facilidade de resolver o problema, mas com relação a trabalhos de tatuagem, creio eu que não por que não tenho talento de fazer a parte do “realismo”, mas porque eu não pratiquei no decorrer dos anos aquele trabalho, até por que você sabe que você tem que estudar né “véio”... e eu não estudei pra fazer isso aqui não, entendeu? Foi só talento, na marra mesmo!

Fabiano: Você não fez nenhum curso? Se considera autodidata?

Clemilson (Cremmy): Isso! Eu tenho o meu dom, tenho talento de resolver e de fazer e aprender facilmente as coisas, mas tem desenho que eu não pego, até por que não faz o meu estilo, então eu passo para outra pessoa, mas eu poderia sim estar praticando o quesito “realismo”, chamado tatuagem “3D”. Eu não curto pegar não, por que não estou preparado para isso aí, até por que não estudei desenhos, mas depende sim do conhecimento de onde vai pegar sombra, tons e meio tons eu sei a parte de colorimetria e essas coisas aí, “realismo” não é muito a minha praia não... (CREMMY, 2018).

A relevância dos aspectos emocionais e subjetivos na pesquisa para a compreensão do contexto social em que os interlocutores estão inseridos, permite uma análise mais profunda acerca dos mecanismos de construção das relações entre tatuados e tatuadores e entre pesquisador e pesquisado, contudo as complexidades dessas interações nem sempre podem ser expressadas em um estudo, exigindo do pesquisador comprometimento com o “fazer autoetnográfico” e a reflexão dos porquês que o levaram a essa escolha metodológica.

Através do meu contato com a narrativa de Clemilson e de toda sua trajetória como tatuador, despertou em mim o desejo de me ver a partir da mesma posição que ele ocupa (como tatuador), comecei uma pesquisa informal sobre cursos na área o que me levou a uma escola de tatuagem em Natal (RN), também comecei a comprar equipamento de tatuagem para ter um contato inicial, mas o que complica é o alto

custo do investimento no curso, conversando sobre isso com Clemilson ele propôs a ideia de me dar aulas, já que inclusive por ter mais de 10 anos de profissão isso possibilitaria inclusive o fornecimento de certificado, o que para mim tem um peso maior por estar mais familiarizado com ele. Me tornar tatuador ampliaria meu horizonte como pesquisador me ajudando a refletir sobre a experiência como tatuado e posteriormente como tatuador (CARLOS,2019).

Observando este último trecho do meu diário de campo fica evidente como minha relação com Clemilson, tanto como tatuado quanto como pesquisador teve um papel fundamental para que despertasse em mim o desejo de me aprofundar ainda mais no caminho da tatuagem como um modo de vida e também como profissão. O que antes eu via como algo distante e que eu apenas teria contato em raras ocasiões quando decidia que estava pronto para mais um desenho em meu corpo se tornou uma realidade a qual estava disposto a me aventurar.

Conclusão

Trabalhando com a autoetnografia pude acrescentar a pesquisa toda uma gama de sentimentos que surgiam da interação entre a vivência do pesquisador e a narrativa do pesquisado, onde a prática da tatuagem funcionava como fio condutor que norteava a investigação sobre a construção das relações sociais, em que o corpo se torna ativo e importante personagem que une os dois através da confiança. As modificações corporais como a tatuagem, representam o registro físico da dominação do indivíduo sobre seu corpo, portanto, corpo biológico e indivíduo são pensados de forma distinta, porém subordinados um ao outro.

A escolha pelo método da autoetnografia e etnografia como importantes potencializadores durante a pesquisa se apresentou satisfatório durante entrevistas e observações. Eu pude comparar com minha própria narrativa registrada no diário de campo, o material produzido a partir dos encontros serviu para uma análise mais profunda das motivações individuais e de como cada um dos indivíduos respondiam emocionalmente frente ao mesmo cenário da tatuagem.

Assim como Wacquant em seu livro “Corpo e alma” descreve a importância da observação participante, aqui também podemos analisar o comportamento natural do tatuado e do tatuador em seu ambiente familiar e não o comportamento artificial de quem teatraliza frente

a um pesquisador e de como ele gostaria de ser visto diante da sociedade. Em contrapartida, eu como pesquisador, me aproximei diversas vezes do limite da imparcialidade exigida, afinal de contas me encontrava imerso nas mesmas experiências que meu interlocutor (WACQUANT, 2002, p.23).

Partindo desse contexto, considero relevante uma pesquisa que aborde as relações entre indivíduos tatuados e o tatuador. Durante minha pesquisa busquei descrever como foi para mim entregar meu corpo para que outro indivíduo o transformasse de forma definitiva, ressaltando características que os diferenciam e de como isso afetou minha relação com ele (a ponto de despertar em mim o desejo de seguir o mesmo caminho para me tornar tatuador), características essas que apresentam um tatuador que já é profissional estabelecido na área, para a construção dessa relação e finalmente minha experiência como tatuado.

A utilização da etnobiografia acompanhando a vida do tatuador dentro e fora do estúdio de tatuagem e como se dão suas relações a partir da prática da tatuagem, valendo do uso de entrevistas semiestruturadas para construção de sua trajetória e de como se deram os primeiros contatos com a tatuagem, foram importantes para compreender o que levou Cremmy a se tornar referência em tatuagem no Vale do Mamanguape.

Algumas coisas se apresentaram como obstáculos durante a pesquisa e a principal delas com certeza foi a exposição das minhas vivências, meus sentimentos e expectativas. Experimentei a tensão constante entre uma posição de neutralidade e de envolvimento a fim de poder encarar o pesquisador como objeto de estudo, superando esta dificuldade considerei enriquecedor incluir as histórias de vida, pensamentos e sentimentos para contribuir metodologicamente com o trabalho de campo seguindo sempre o viés etnográfico.

Referências bibliográficas:

ADAMS, TONY; BOCHNER, ARTHUR; ELLIS, CAROLYN. **Autoethnography: an overview.** *Historical Social Research*, v. 36, p. 273-290, 2011

ADAMS, TONY; ELLIS, CAROLYN; JONES, STACY. **Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series.** New York, NY: Oxford University Press, 2015.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura do século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DENZIN, NORMAN; LINCON, YVONNA. **“Introduction: The discipline and practice of qualitative research.”** In: Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna (orgs.). Handbook of qualitative research, Thousand Oaks: Sage, 2000, p.1-28.

ELLIS, C., BOCHNER, A. P. **Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject.** In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Handbook of qualitative research. London: Sage Publication, 2000.

FORTIN, S. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística.** Revista Cena, Porto Alegre, n. 7, p. 77-88, 2009.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem.** 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. Arnold Van Gennep (1873-1957).

MAUSS, Marcel. **Les techniques du corps. In: Sociologie et Anthropologie.** Paris: Puf. 1997 a Pg 363-386.

MATHEUS, Silvio, **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios, PLURAL,** Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241

PEIRANO, Marisa, **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

RAMOS, Celia Maria, **Teorias da tatuagem.** Santa Catarina, Udesc, 2001.

TURNER, Victor. 1982. **“Liminal to liminoid in play, flow, and ritual: an essay in comparative symbology”.** In : From ritual to theatre: the human seriousness of play. New York: PAJ. Pp. 53-92.

WACQUANT, Loïc, “**Corpo e alma:** Notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

Site:<https://followthecolours.com.br/tattoo-friday/lucky-tattoo-10-curiosidades-sobre-o-primeiro-tatuador-profissional-no-brasil/> (disponível em 01 de jul de 2019 às 17:00 hs)

Site:<https://www.significados.com.br/freak/> (disponível em 03 de set de 2019 às 13:00)